

PRATAS VITAL

Entrevistado por Maria Augusta Silva

Novembro 1997

«Sou um desassossegado porque me inquieto. Mesmo sendo hoje mais realista, mais voltado para o concreto, as emoções interessam-me. Somos seres mistos, racionais e emocionais. Nenhum filósofo, nenhum cientista pode negar essa verdade».

Sorriso aberto ao mundo. Uma fé que passa pela sua entrega ao doente. Aos outros. Pratas Vital, grande entre os grandes neurocirurgiões. Mãos que já cavaram terra. Lidou com gaibéus e seareiros. Sem vergonha o diz este homem franco das lezírias de Alpiarça. Desassossegado porque inquieto em nome de uma qualidade por excelência. Deixou, a seu pedido, a direção do Hospital Egas Moniz. Regressa a tempo inteiro à neurocirurgia. Novos projetos. A cirurgia da epilepsia em foco. A neuro-navegação a abrir caminhos largos. Realista, no entanto. «Os cirurgiões, de uma maneira geral, são uma espécie em vias de extinção». A bioquímica e a engenharia genética progridem. As doenças, na sua maioria, vão ser prevenidas. «Ainda bem, há que inovar».

Mas a reforma não é um horizonte próximo. Continua a treinar a firmeza e a sensibilidade das suas mãos (espantem-se!), a fazer salada de frutas para os amigos. Com uma faca enorme corta a fruta em pedacinhos que não vão muito além do tamanho de uma grainha de romã. E procura não agredir as suas mãos. José Pratas Vital, professor de neurociências. Rural e citadino. Ontem como hoje cumprimenta toda a gente. Um gosto vê-lo às compras no mercado da Ericeira. «Bom-dia, bom dia»!, no talho, no peixe, na padaria, nas flores. Dálias, muitas dálias, de um amarelo vivo. E, «olá Dona Venância, como vão essas forças?,

queria banana, manga e peros». Dona Venância, operada há 15 anos pelo professor. O calor e o cansaço a provocarem-lhe quase o desmaio. Pratas Vital improvisou, com três caixotes de fruta, uma espécie de cama articulada. Dona Venância recuperou, enquanto João, o mais novo dos três filhos deste neurocirurgião de olhar direto e simples, ajudava a aviar um cliente. Estrada fora, rumo à casa acolhedora, rústica, próxima das ondas da Praia do Lizandro; uma paragem para saudar Dona Helena; e mais feijão verde tenrinho para a seira. E abóbora. Às vezes, Dona Helena vê-o passar para o mercado da Ericeira e fá-lo parar: «Não compre lá isto, eu tenho aqui. Traga-me, por favor, salsa e coentros, já se acabaram!»

Troca de afetos. Uma forma de estar na vida de alguém que, aos quatro anos, viu o pai assassinado à queima-roupa e ainda hoje não sabe quem o matou.



Qual a primeira pergunta que mais gostaria lhe fosse colocada neste momento?

Se estou bem disposto e de boa saúde...

Bem disposto ao deixar, a seu pedido, a direção do Hospital Egas Moniz?

Pedi a demissão, não por me sentir incapaz para o desempenho do cargo (já lá vão seis anos), mas porque julgo ter cumprido a minha missão como diretor deste hospital. Concretizou-se a maior parte dos projetos. Há um momento para entrar e sair.

E o Plano Diretor que visa projetar o «Egas Moniz» para o novo século?

O hospital completa cem anos em 2002. O Plano Diretor propõe a adaptação de

uma estrutura quase centenária a moldes mais modernos e funcionais. Continuo disponível para uma instituição da qual vesti a camisola, sem cor clubística, mas sentida.

A propósito de camisola: como coabita um benfiquista com um filho do Sporting e a mulher a torcer pelo Porto?

Com muito desportivismo.

Chegou agora o repouso do guerreiro?

Não. E se atingir os 70 ou 80 anos com a maneira de pensar que tenho hoje, considerar-me-ei sempre jovem.

Sonhou fazer do «Egas Moniz» um hospital de referência...

Cada vez mais os hospitais têm de ser polos de referência (e por que não de excelência?), não só para as atividades programadas como para as urgências.

Com as estruturas que temos?

Sou um homem de fé, otimista. Conheço todo o sistema com potencialidades para se aperfeiçoar e progredir, logo a começar no médico de família. O médico tem de ouvir o doente, examiná-lo, pedir exames, no entanto a lição do nosso «João Semana» mantém a sua essência. Mas assistimos a quê? O médico quase não ouve o doente e prescreve medicamentos e requisita exames muitas vezes sem critério. Não há sistema que aguente. Nem é bom para o doente. Faço, porém, justiça às exceções. Só que os sistemas não vivem de exceções. Por outro lado, são precisos estímulos a quem trabalha. Penso, sobretudo, em carreiras e formação.

Que diz da polémica em torno de uma eventual pressão de laboratórios sobre médicos, no sentido de receitarem medicamentos a troco de benesses?

Não me cabe julgar. As notícias divulgadas devem constituir razão para averiguar possíveis delitos. Caso haja fundamento, que atuem as instâncias competentes, punindo quem o mereça.

Como aquilatar da qualidade dos medicamentos?

Há peritos. O Governo, se quer fazer prevalecer os genéricos, precisa dinamizar essa avaliação de qualidade. Nesse caso, nada tenho contra os genéricos, tal como advogo a avaliação da qualidade do ato médico. É difícil num sistema burocratizado mas deverá funcionar.

Os genéricos poderão limitar a investigação laboratorial e até a opção clínica?

Questão complexa. Mas penso que não haverá limitações se forem respeitados os interesses de todas as partes envolvidas.

Inconformado com a rotina?

Para sempre.

Chamam-lhe irreverente...

Porque sou brioso. Regra geral, qualquer instituição tem vinte por cento dos chamados carolas, os briosos, que são o motor das coisas, mais sessenta por cento que se esforçam por dar a melhor colaboração, e outros vinte por cento que se encarregam de criticar apenas no mau sentido.

Há quem o considere vaidoso. Reconhece-se nesse adjetivo?

Talvez pela exigência de qualidade a mim próprio. Um brio que vive comigo.

O regresso a tempo inteiro à neurocirurgia pressupõe novos projetos?

Certamente. E não concebo, nos dias de hoje, trabalhar em novos projetos sem ser em equipa. Existem muitas áreas por explorar.

A cirurgia da epilepsia é de momento a menina dos seus olhos?

Sim. Tem registado um assinalável desenvolvimento. Nem todos os casos terão indicação cirúrgica mas há muitos doentes que poderão curar-se com um mínimo de sequelas, ou, pelo menos, ver a sua qualidade de vida melhorada substancialmente. O segredo reside, de facto, num trabalho de equipa, neste

caso liderada pelo professor Orlando Leitão.

Também a neuro-navegação é importante para a cirurgia da epilepsia?

É uma das mais modernas tecnologias de ponta, que permite, a cada instante, a localização exata das lesões a extirpar. Guia-nos como se fosse uma bússola. Uma tecnologia da qual o Hospital Egas Moniz já dispõe e dela urge tirar a maior rendibilidade em benefício dos doentes.

Mãos ao trabalho?

Com certeza. Isto exige, contudo, um treino em doente virtual para o qual temos um modelo já «operado» as vezes suficientes para avançarmos com o projeto.

Doente virtual?

O Romeu, uma das nossas mascotes, que, tal como o Cipriano, serve de modelo para se estudar as abordagens cirúrgicas.

Um modelo desses não é um ser vivo...

Produz anatomicamente, neste caso, um cérebro humano. Já coloquei um objeto estranho dentro do crânio do Romeu (a funcionar como um tumor virtual) e a neuro-navegação deu-se em pleno. O Romeu tem as mesmas «peças» do homem. Naturalmente que o médico terá de contar com as diferenças das estruturas biológicas.

Que fé o leva a ir em frente?

A culpa foi da minha mãe que me habituou a trabalhar desde pequenino. E tive, no sétimo ano, um professor de Ciências Naturais que me marcou profundamente. Um dia, num exercício prático, mandou-nos dissecar uma minhoca. Fi-lo tão perfeito que, mesmo toda aberta, o coração da minhoca continuava a bater ritmado. E o professor, que usava muita brilhantina por causa do cabelo espetado, disse-me: Procede sempre assim na tua vida, não te importes de fazer muito ou pouco, fá-lo bem, como esta dissecação da minhoca. Aquilo ficou-me cá dentro. E a fé não se explica.

A opção por neurocirurgia começou aí?

Não. Optei por Medicina, e, mais tarde, por neurocirurgia, talvez por uma componente humanizante mais acentuada.

Privilegia a relação humana?

Tive sempre um contacto fácil com as pessoas. Quando era miúdo, a minha mãe ralhava-me por eu cumprimentar toda a gente. Perguntava-me: Conhecês essas pessoas todas? E eu respondia: Não, não conheço, mas não passei por nenhum bicho. Mesmo no lugar de diretor do hospital, nunca deixei de cumprimentar toda a gente.

Ir ao fim de semana às compras ao mercado da Ericeira traduz a necessidade de um encontro com as suas raízes?

Deveria ser outra pessoa, e não eu, a comentar isso. Mas reconheço que tenho uma grande facilidade de comunicar. Adapto-me facilmente ao meio e aos ambientes.

Uma forma de trocar afetos?

Espontânea. Está-me na massa do sangue.

Gosta de receber amigos?

Muito. Curioso é que, há anos, era um grande bicho-do-mato. Tinha bom relacionamento, mas enclausurava-me.

Seria capaz de voltar a trabalhar a terra ou a podar videiras?

Se chegar ao meio rural, funciono como aqueles homens, ninguém notará que me tornei num urbano. Aprendi a cultivar hortas, vinhas, a tratar do gado. A cavar a terra. A semear batatas.

Memórias dessa infância?

As lezírias do Ribatejo; os seareiros, os gaibéus, os homens que imigravam para o trabalho sazonal. Os ribatejanos iam mais para sul cultivar tomate e melão; os beirões preferiam as vindimas.

Quantas memórias tem o homem?

Muitas e em consonância com os nossos sentidos. Eu tenho mais memória visual.

Duro de ouvido para a música?

A música escuta-se por prazer. Veja como é agradável, neste instante, a melodia de Gershwin que acompanha a nossa conversa. Morreu muito jovem, com um tumor cerebral. Outras vezes deixo-me levar pelo arrebatamento de Beethoven ou pela alegria de Vivaldi! Outros momentos são para Mozart, Wagner ou Tchaikovsky.

A morte de seu pai marcou a sua infância?

Marcou, embora os miúdos ultrapassem com mais facilidade essas situações. Senti maior tristeza já adulto, especialmente depois do 25 de Abril.

Que teve o seu pai a ver com o 25 de Abril?

Passou a haver mais liberdade e acesso à informação. Apercebi-me melhor do contexto em finais dos anos quarenta e nos anos cinquenta, quando o meu pai foi assassinado à queima-roupa. Mas nunca se conseguiu saber, com verdade, quem o matou. O meu pai (Manuel Lopes Vital) pertencia, então na clandestinidade, ao Partido Comunista. Sei que teve divergências e desligou-se do partido, mas depois sentiu necessidade de regressar. É nessa transição que o meu pai aparece morto. Quem o matou? A PIDE? Que responsabilidade terá o Partido Comunista? Perguntas que nunca conseguirão ser respondidas.

A sua família foi presa?

Depois da morte de meu pai, ficámos presos na cadeia de Alcochete, a minha mãe, eu, com apenas quatro anos, e mais familiares. Numa reflexão retrospectiva, de uma coisa tenho a certeza: nenhum de nós abriu a boca para denunciar alguém. E não me consta que o meu pai deixasse algum dia escapar qualquer pista que atirasse com quem quer que fosse para a cadeia. Afirmo-o de cabeça levantada.

É o seu modo de estar na vida?

Tenho uma atitude de clareza. E de servir os outros. Podemos ter uma posição de serviço público sem descurar interesses próprios. Não há que apontar nada a ninguém pelo facto de percorrer os caminhos de um serviço qualificado e ser consultado em função dessa qualidade.

A maior alegria?

O nascimento dos filhos (três rapazes). E quando se consegue salvar a vida de um doente.

Na sua entrega aos doentes, já teve momentos de desespero?

Ainda, recentemente, senti um terrível desespero. Uma cirurgia programada, em que não era previsível algo de desagradável e, no entanto, aconteceu. Que aflição! Até me encolhia porque tinha a sensação de que o meu coração ia estoirar. Felizmente, a doente está salva.

Quantos anos envelhece um médico num momento desses?

Tantos, tantos, não são quantificáveis!

Alguma vez fez apelo a forças sobrenaturais?

Há situações em que o pensamento se dirige ao Divino. Precisamos de uma tábua de salvação que nos dê esperança. O médico pode ser um *super técnico*, mas, se não houver nele humanidade, médico não é.

Com frequência ouço doentes, que operou, comentarem: «Tem mãos de ouro». Já ouvi até colaboradores seus dizerem: «Faz das mãos o que quer». Já pensou pôr as suas mãos no seguro?

O controlo das mãos é decisivo, seja em neurocirurgia ou noutra área. Se um cirurgião não tiver esse domínio, tudo pode falhar. Tem que haver um grande controlo cerebral sobre as mãos. Em neurocirurgia trabalha-se com a noção da mais ínfima fração de um milímetro. Tremer pode significar um desaire. As mãos têm de estar firmes, sensíveis. Cada gesto é uma prece, um ato da maior religiosidade. Nunca pensei em pôr as minhas mãos no seguro, não faço hoje,

contudo, nada que as agrida.

Em intervenções que se prolongam por mais de uma dezena de horas, como satisfazem necessidades fisiológicas?

As intervenções são hoje mais partilhadas. Há uma equipa em ação, o que permite, nas diferentes fases da abordagem cirúrgica, revezar-nos por minutos para ir à casa de banho, ou passar água fresca pela cara. O que fazemos é uma alimentação em pleno voo, rápida, geralmente líquida ou de fácil mastigação.

Já viveu nesses instantes algum episódio caricato?

Caricato, no mínimo. Tratava-se de uma neurocirurgia complexa, em que participava, também, um otorrino (o Dr. João Clode). Eu tinha pedido uma coisa ligeira para comer junto ao bloco operatório, numa fase em que o otorrino desvendava o campo da sua área específica. Passou o tempo, e nada para comer. Quando trouxeram a previsível refeição ligeira, chegado era o momento de eu «atacar o tumor». Fui à pressa ao corredor, e, que vejo à minha frente? Carapaus fritos! Imagine!

Quem lhe valeu?

A minha mulher livrou-me das espinhas e deu-me à boca as febras dos carapaus, mastigados à meia volta e força com um pouco de água.

Sua mulher, enfermeira Paula, companheira de todas as horas?

De todos os segundos. Os médicos são seres iguais aos outros, mas, quando se entregam à sua arte, não têm horas, e a família fica um pouco em segundo lugar. Para o casamento resultar, é necessária muita compreensão. Quase sempre os médicos se casam com alguém do mesmo ofício. Comparo-os muito aos jornalistas. Têm uma vida *improgramável*.

O Nobel de Medicina foi, este ano, para as neurociências. Premiou o cientista Stanley Prusiner pela teoria à volta dos priões. Achou justo?

Tem gerado alguma polémica. A teoria defendida por aquele cientista estabelece uma relação entre os priões e a chamada «doença das vacas loucas» e, também, com a doença de Alzheimer. A realidade é que não está comprovada nem de todo

esclarecida a natureza dessas proteínas. Mas não deixa de ser uma área de inquestionável atualidade. Creio que o Nobel pretendeu sublinhar a carreira deste cientista e funcionar, igualmente, como um estímulo de forma a que se prossiga a investigação sobre os priões.

Qual a doença que mais teme um homem que lida todos os dias com a vida e a morte?

Todos estamos programados para morrer. Mas pensar na morte é sempre um sentimento de angústia. Não somos autómatos. Temos os nossos afetos. Que seja o mais tarde possível, de forma súbita, sem dor. Morrer aos poucos, num sofrimento atroz, faz pensar na questão da eutanásia.

Defende a eutanásia em situações terminais?

Nenhum médico é formado para matar. Devemos, todavia, procurar a maior dignidade tanto no nascimento como na morte. Quando lesões graves e irrecuperáveis tornarem o doente inconsciente, com uma respiração artificial, alimentada por um ventilador, já não é vida.

A morte do tronco cerebral é fácil de determinar?

Não, porque obedece a parâmetros complexos e muito rigorosos. Terá de ser determinada por várias equipas e por fases, sem pressas.

Já viveu alguma dessas situações?

Ainda recentemente. Uma pequenita padecia de um tumor cerebral, que, embora de baixa malignidade, radica numa zona que não permitiu a remoção completa. No pós-operatório imediato, a menina teve complicações muito adversas. Todos os médicos pensaram que iria morrer. Apostámos, quase sem fé em face do quadro clínico que se nos deparava, mas não desistimos. Um destes dias, andava já no corredor do hospital a brincar, a pular, junto da mãe, aparentemente sem estar afetada em nenhuma das suas funções vitais. Que se passou com este caso dado como perdido? Não encontramos explicação. Valeu a pena o zelo levado a um expoente máximo. Deu-me um beijo que me encheu a cara e, sobretudo, a alma.

E quanto a «hobbies», como pode um homem que procura que a vida saia sempre vitoriosa sentir necessidade de caçar?

Já fui um caçador fanático, especialmente em Angola, talvez por evasão. Essa fase está ultrapassada. Agora, caço, de vez em quando, um coelho ou umas perdizes, porque vou com amigos e andamos pelo campo, tal como pesco uns peixes para nos juntarmos e arranjar os nossos petiscos. Mesmo que fosse rico, jamais me passaria hoje pela cabeça inscrever-me num safari para trazer um corno de rinoceronte ou dentes de elefante.

Mas manipula uma arma de fogo... Não é uma agressão também às suas mãos?

Olhe, o meu único chumbo num exame foi precisamente quando ia tirar a carta de caçador. Só passei à segunda vez. Sou um caçador e um pescador de trazer por casa, pelo convívio com os amigos.

Não deixa de disparar tiros...

Até ponho tampões nos ouvidos para não ouvir o barulho. Mas não considero uma violência caçar um coelho ou pescar um carapau.

Vivemos ou não num mundo cada vez mais violento?

Quanto mais disseminada estiver a droga, maior a violência. Os padrões da droga estendem cada vez mais os seus tentáculos.

Conseguiu explicar aos seus filhos o mundo da droga?

Tentei dizer-lhes que é um caminho onde se pode entrar facilmente e de onde será mais difícil sair, embora não seja impossível essa libertação com o auxílio de consultas e tratamento especializados. E há que pensar ainda nas doenças que a droga arrasta consigo, como a sida e lesões mentais irrecuperáveis.

Concorda com a distribuição de metadona nas farmácias?

Discordo. Mas trata-se de uma opinião meramente pessoal.

Leituras em dia?

Jornais, quase todos. O debate de ideias fascina-me. É um estudo contínuo. Por isso tenho necessidade de privilegiar as leituras de índole científica. Se estou uma semana sem estudar, desespero. Entretanto, regresso sempre, com gosto, a Fernando Pessoa. Pela faceta desconcertante dos heterónimos. Pela sua visão do mundo. Porque personificava o desassossego, inconformado com as rotinas e as mentalidades pequeninas.

Um desassossego em que, de algum modo, se reconhece?

Sou um desassossegado porque me inquieto. Mesmo sendo hoje mais realista, mais voltado para o concreto, as emoções interessam-me. Somos seres mistos, racionais e emocionais. Nenhum filósofo, nenhum cientista pode negar essa verdade. Ando a ler, nesse domínio, a Inteligência Emocional, de Daniel Goleman.

Deixa viver todas as suas emoções ao fazer uma salada de frutas ou a grelhar peixe?

A salada de frutas é a minha grande especialidade doméstica. Faz parte do meu treino de mãos ao fim de semana. Digamos que significa uma microcirurgia caseira. Trabalho com uma faca grande para cortar tudo muito miudinho. As mãos ganham assim mais firmeza. E, quando os amigos gabam as minhas saladas, fico tão vaidoso que nem imagina! O segredo é começar com uma base de sumo de limão e laranja para a fruta não oxidar.

Três filhos, cavou muita terra, já abriu e tratou muitas cabeças, plantou muitas árvores. Costuma dizer-se que um homem se completa escrevendo um livro. Está nos seus planos?

Já escrevi a minha tese de doutoramento e outros trabalhos científicos. Mas não está fora dos meus horizontes escrever algo que me deixe mais completo, sem pretensões eruditas ou de supercultura. Cavei terra, pudei videiras, cuidei de gado, semeiei batatas. Ainda há quem pense que as batatas nascem das árvores!

Que mais admira numa mulher?

Uma alma feminina.

A sua maior qualidade?

Talvez a perseverança. Perseguir sempre a qualidade e a entrega. E partilhar.

E o maior pecado?

O do mundo é matar. Nunca matei ninguém. Como toda a gente, menti, em miúdo. Hoje seria incapaz de mentir.

Um homem de esperança?

Não quero perdê-la. Gostava de ver este país apostado na inovação. Na qualidade de excelência, com algum pioneirismo. Tivemos o período áureo dos Descobrimentos e depois deixámos fugir todos os comboios. Só por si, a imagem de marca de turismo não chega.

Ganhámos um Nobel em medicina, com Egas Moniz, precisamente numa área que lhe é querida, as neurociências... Poderíamos ter uma medicina qualificada e forte?

Não digo que não tenhamos qualidade em muitas áreas. Mas em medicina o futuro vai sedimentar-se na bioquímica e na genética. Quanto à investigação, estamos meio século atrasados em relação aos grandes centros. E julgo que os cirurgiões são uma espécie em vias de extinção, excetuando a cirurgia dos traumatizados.

Um neurocirurgião a pensar na reforma ou voltado para a investigação?

Reforma, para já, não. Investigação, sempre.

MARIA AUGUSTA SILVA

(Diário de Notícias, Novembro 1997)